

## RESENHA DE “HISTÓRIA DA SEMÂNTICA: SUJEITO, SENTIDO E GRAMÁTICA NO BRASIL”, DE EDUARDO GUIMARÃES

**Aline Aver Vanin<sup>1</sup>**

aline.vanin@ymail.com

Ao se tentar precisar o que é significado, estudiosos da linguagem deparam-se com numerosas definições acerca desse conceito, visto serem diversos os olhares que as construíram. Isso porque o trabalho com questões de sentido requer que se delimitem as fronteiras teóricas que se anunciam ao se manusear um objeto tão flexível como é a língua. Tais perspectivas surgem não apenas de uma linha de pensamento, mas através de um longo caminho de debates travados com o intuito de dar, ao menos, uma ideia do que seja o sentido. No entanto, tão importante quanto discutir essa questão, poder vislumbrar a forma como essas definições são construídas ao longo do tempo leva a uma noção mais clara do porquê o pensamento sobre aspectos semânticos da linguagem é bastante discutido.

É com essa preocupação que Eduardo Guimarães se propõe fazer a história dos estudos da significação no Brasil ao escrever *História da Semântica: sujeito, sentido e Gramática no Brasil*. Como o próprio título revela, ao descrever o percurso do pensamento sobre o significado, o autor leva em conta também aspectos do desenvolvimento da gramática e do lugar do sujeito nesses estudos, dividindo essa história em quatro períodos marcados por fatos históricos.

Desde o começo de seu texto, Eduardo Guimarães propõe-se a ser um observador crítico, que analisa obras de linguistas os quais, mesmo que muitas vezes sem tornar o fato explícito, tomam a significação como base para o desenvolvimento das investigações sobre a linguagem. Utilizando uma abordagem histórica como metodologia para a escrita do texto, o

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; bolsista CAPES.

autor propõe que se analise, num primeiro momento, a relação entre a produção de conhecimento sobre a língua no Brasil e o desenvolvimento da instituição escolar, por acreditar que as transformações do sistema educacional acompanham a produção desse conhecimento. Em segundo lugar, determinadas obras que tratam da significação no Brasil são relacionadas e analisadas, com vistas a não avaliar a história da Linguística, mas, especificamente, a história da Semântica no país, mostrando o lugar dos estudos da significação, da gramática e do sujeito no pensamento dentro das ciências da linguagem.

Para fazer esse percurso, o texto se divide em três grandes partes, as quais fazem um panorama sobre as instituições e os estudos do português no Brasil, e mostram, através das vozes de autores selecionados, o percurso da semântica no país, incluindo nele o lugar do sujeito, que é gradualmente incluído nos estudos sobre o sentido. É interessante notar que a historicidade é de extrema relevância para a explicitação do desenvolvimento desses estudos, posto que as transformações geradas pelos fatos fazem com que também ocorra uma mudança na forma de pensar sobre a significação.

Na primeira parte do livro, dividida em apenas dois capítulos, contempla-se um panorama geral das investigações linguísticas, a partir dos estudos da Língua Portuguesa no Brasil, e uma periodização desses estudos, fazendo inclusive um levantamento das principais instituições brasileiras que deles se ocupavam. Nesse ponto, destaca-se o fato de, no primeiro período, haver uma necessidade de estudos mais específicos sobre a língua no Brasil, por já se notar certo distanciamento da gramática de Portugal. Interessava, a partir da década de 1880, mostrar as diferenças específicas entre o português do Brasil e o de Portugal, principalmente as do campo lexical. Assim, também se faz referência às gramáticas e aos dicionários de ambos os países, apontando para o início do processo de gramaticalização brasileira do português. Com esse enfoque, Guimarães aponta para o início de uma libertação das tradições d'além-mar, com uma aposta nos estudos a respeito de uma língua nacional, o que já era visto no tipo de literatura produzida no Brasil.

Para o autor, a fundação da Academia Brasileira de Letras (1987) é o fato marcante do segundo período, além do estabelecimento dos primeiros cursos de Letras na década de 1930. Considera relevante, para o terceiro período, a implementação da Linguística nos cursos de Letras como disciplina obrigatória, além da Fundação da Associação Brasileira de Linguística. Do último período, Guimarães destaca a explosão de trabalhos nas mais diversas áreas da Linguística, visto que essa disciplina se faz presente em todos os cursos de Letras brasileiros. Ao final da primeira parte, há um didático quadro explicativo com uma cronologia dos quatro períodos detalhados por ele, em que são relacionados fatos políticos, institucionais,

culturais, educacionais e, principalmente, os momentos em que se encontravam os estudos do Português no país.

Nas partes II e III, o autor compila e comenta obras específicas de linguistas ligados ao estudo da significação desde o final do século XIX até a década de 1970, a qual é considerada, pelo autor, o momento da ampliação do tratamento da significação no país. Ao reunir esses trabalhos, Guimarães procura mostrar ao leitor, de maneira pontual, a passagem de uma produção de conhecimento normativo de uma Língua Nacional até um cenário em que se configura uma análise da diversidade dos usos da língua em geral. Destacar-se-ão alguns deles.

A parte II relaciona o percurso da semântica no Brasil, elencando obras de linguistas que se preocupavam, além das questões gramaticais, com o sentido. Entre os autores relacionados, está Pacheco Silva Jr., o qual analisava questões relacionadas à mudança de sentido, considerando o povo como sujeito da linguagem, qualificado pelos seus brasileirismos, com os quais construiu novas significações para a língua falada no Brasil – propondo, assim, fazer uma gramática *na* semântica.

Said Ali é outro linguista de relevância nesse percurso, o qual tentava definir uma gramática prática – normativa – da Língua Portuguesa, em cuja configuração dá-se lugar para os aspectos psicológicos da língua e para os aspectos semânticos ligados às mudanças de sentido lexicais. É importante notar que o sujeito passa a fazer parte dos estudos da significação, e, ao longo do roteiro oferecido por Guimarães, é possível verificar que a sua presença é cada vez mais significativa.

A movimentação do pensamento de uma Língua Nacional para, simplesmente, *língua* é fato marcante quando da passagem de uma gramática portuguesa para uma gramática brasileira, característica da emancipação do Brasil das tradições portuguesas. A partir de então, a nova gramática passaria a ser uma exposição dos usos da língua falada no Brasil, aceita como “vernáculo”. Guimarães destaca que, nesse processo, ocorreu uma soma da tradição, devido à história brasileira, e do novo, ou seja, dessa gramática baseada na língua do Brasil.

A Semântica, na perspectiva de Silveira Bueno, continua sendo tratada como uma disciplina que estuda as mudanças de sentido das palavras, as quais são causadas por fatores históricos e psicológicos. Contudo, deve-se explicitar o fato de que, nesse cenário, o sentido estaria *fora* da língua, posto que são os movimentos sociais do povo, em seus grupos, os fatores determinantes das mudanças. Desse modo, a significação estabelecida pelo indivíduo seria validada somente pela sociedade; a semântica seria vista como uma disciplina que se

ocupa da significação dos vocábulos e das mudanças de sentido, mas não da análise do porquê dessas mudanças. Apesar de se poder observar, a partir dessas considerações, duas gramáticas, visto observar-se uma língua de Portugal e uma língua do Brasil, para Silveira Bueno trata-se de uma só língua; a semântica, aqui, seria o estudo das especificidades do falar brasileiro, que está na *fala* e não na *língua*. Assim, a fala e a significação são “a língua mais hábitos e costumes, mais o contexto” (p. 91). Aqui, percebe-se que o autor trata da semântica numa relação pragmática, mas sem explicitá-la: o semântico seria uma construção da fala, de um sujeito psicológico, determinado pelos hábitos e costumes de seu grupo social e, especificamente, pelo *contexto em que o falante está quando diz algo*.

A obra de Mattoso Câmara Jr. aparece no último capítulo da segunda parte como uma peça fundamental para determinar o lugar da investigação sobre a significação. Questões de sentido sempre foram norteadoras nos escritos desse autor, e é a partir delas que uma gramática descritiva, ou sincrônica (e não mais normativa), é formulada. Seguindo essa perspectiva, a língua volta a ser o objeto de estudos, e não mais a língua nacional. Desse modo, Mattoso Câmara define essa gramática como o “estudo do mecanismo pelo qual dada língua funciona, num dado momento (...)” (1970, apud Guimarães, p. 96). Contudo, o autor considera a gramática como complementar e ao mesmo tempo separada da sua estilística, na qual se consideram questões de significação relacionadas ao sujeito. A língua é considerada um fator cultural, um instrumento de comunicação que leva em conta a significação, a qual se posiciona paralelamente aos estudos gramaticais – trata-se, segundo o linguista, de uma *significação gramatical*. Assim, a gramática seria o estudo da significação interna dos morfemas, e a semântica, o estudo do sentido das palavras.

A última parte do livro dedica-se à definição do sujeito e aos estudos sobre a significação na década de 1970. Nesse momento, o sujeito e o sentido são discutidos através da perspectiva da enunciação, da pragmática e da análise do discurso, e as obras de Carlos Vogt, Haqira Osakabe e Eni Orlandi são relacionadas por ligarem-se, de uma forma ou outra, a essas áreas.

Carlos Vogt anuncia que a análise da significação ocorre pelo amplo campo da pragmática, que não é uma só, mas várias. Até então, a semântica brasileira seria o estudo da palavra, e, por constatar que as relações de sentido iriam além do léxico, Vogt propõe que se analise não mais essa unidade, mas todo o enunciado. Seguindo a linha de O. Ducrot e E. Benveniste, o autor passa a considerar as reflexões sobre a intersubjetividade na língua sob o ponto de vista da semântica argumentativa, distanciando-se do que é formal e do puramente gramatical. Já Haqira Osakabe visa, para sua análise, não só a frase, mas o discurso e os

modos de elocução, além da organicidade desses. O discurso passa a ser objeto de uma teoria linguística, aprofundando esse conceito pela “intersubjetividade benvenistiana e a accionalidade serleana” (p. 123). Desse modo, as relações entre o *eu* e o *tu* caracterizam o discurso, que é pragmaticamente significativo, ou seja, estando ligado a um processo em que os participantes do discurso se aproximam pelo significado. Esse é garantido pela situação, pelos sujeitos dessa situação, e por suas relações espaço-temporais. Trata-se, aqui, da inserção da intencionalidade na noção de atos de linguagem. Por último, Eni Orlandi debate, através da análise do discurso, a posição do sujeito em relação ao estruturalismo e ao gerativismo – visto essas abordagens esquecerem-se desse aspecto nos estudos da linguagem. A autora insere-se especificamente na abordagem da Análise do Discurso, dedicando-se à elaboração do conceito de polissemia através da noção de paráfrase e ao conceito de silêncio fundador.

Ao finalizar seu texto, Guimarães faz um apanhado geral sobre o conteúdo do livro, auxiliando o leitor a organizar a sua compreensão da obra. Pode-se dizer que, em geral, se trata de um esforço para reunir, em poucas páginas, séculos de história do percurso do estudo da significação, bem como dos principais estudiosos que se destacaram nessa evolução. A obra é uma reinterpretação de como o sentido e o sujeito da linguagem são vistos em uma linha temporal, sendo válida por também mostrar que o desenvolvimento da nação e da língua brasileira proporcionou também a evolução dos estudos sobre a significação no país. A análise dos trabalhos de autores específicos é bastante detalhada, incluindo uma série de notas explicativas que levam o leitor a buscar, além do texto, referências mais profundas sobre as discussões. Contudo, ao delinear um caminho com aspectos bem pontuais, é natural que o autor tenha que escolher deixar de lado outros estudiosos que também contribuíram para a evolução da semântica; mesmo assim Guimarães consegue traçar uma descrição bem linear dessa história, revelando um movimento que mostra como se construiu a compreensão atual sobre sujeito e sentido, de acordo com a sua própria visão sobre Semântica. Por isso, é importante ressaltar que o autor prioriza uma semântica voltada para as teorias da enunciação, enquanto outras perspectivas sobre o estudo da significação parecem ser ignoradas.

Pensa-se que uma revisão textual seria necessária para uma próxima edição da obra, que tem por mérito ser extremamente rica em informações históricas que auxiliam a pensar e a explicar o momento atual dos estudos da significação. Nesse sentido, a obra é bastante informativa por expor esse percurso do sentido relacionado à gramática e ao sujeito, sendo válida para estudiosos não apenas da área da Linguística, mas também das Ciências Humanas e Sociais.

GUIMARÃES, Eduardo. *História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*.  
Campinas: Pontes, 2004.